

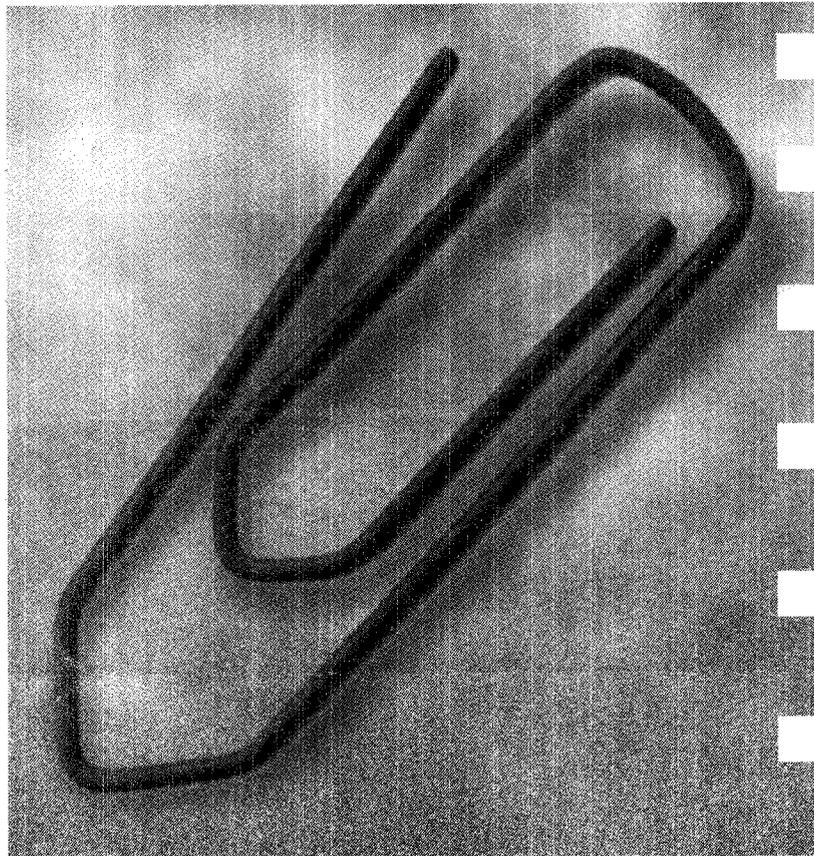
A MEMÓRIA NACIONAL

Josaphat Marinho

29 MAI 1999
CORREIO BRAZILIENSE

Na vida dos povos, a memória nacional é fator educativo essencial. Manter a lembrança dos fatos históricos, de obras fundamentais, de datas expressivas é transmitir de uma a outra geração conhecimento do que forma a tradição consagradora do esforço coletivo. Conservar viva, sobretudo, a imagem das grandes personalidades é ensinar a todas as gerações como se constrói e se transforma uma nação. As figuras representativas nas letras, nas ciências, na política, na administração, na educação, nas atividades reprodutivas e tecnológicas projetam-se em suas obras e criações. Revelam como se promove o desenvolvimento cultural e material, o aperfeiçoamento das instituições e dos seres humanos. Aprendendo a guardar os exemplos das existências úteis e geradoras de bem-estar, como Luiz Tarquínio, os indivíduos são despertados, por igual, para não esquecer e repelir sempre os maus precedentes, as práticas prejudiciais ao destino da coletividade.

Em recente artigo, recordando "A Praça Barão do Rio Branco", na cidade de Salvador, a professora e historiadora Consuelo Pondé de Sena fez uma verificação lamentável. Apurou, inclusive em inquérito individual, que, de modo geral, as pessoas desconheciam o relevo do nome ali exaltado. Acentuou, mesmo, que "nenhum dos indagados demonstrou ter ciência da verdadeira dimensão do estadista, diplomata e historiógrafo". O fenômeno não é peculiar à Bahia, nem limitado a vultos do passado mais diante. Não há muito, pesquisa realizada no Sul do país mostrou que, entre idosos e jovens, muitos ignoravam a trajetória



de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira. Mesmo noutros povos, e de longa perspectiva na história, ocorre essa desmemória. Depois da segunda grande guerra, na Inglaterra; investigação demonstrou que muita gente desconhecia o perfil e os serviços de Winston Churchill. É por isso, talvez, que em França há tanta pertinácia em escrever sobre Napoleão, De Gaulle, Mitterrand e outras individualidades.

No Brasil, a instabilidade e os desvios das instituições políticas deformam e amortecem fatos e per-

sonalidades. Costumava referir Otávio Mangabeira o receio que lhe causava a história. E adiantava que já haviam participado de vários acontecimentos, dos quais conhecia versões bastante diferentes da exatidão. A insegurança dos caminhos políticos é fértil na desfiguração da realidade, quanto aos atores da cena pública e às circunstâncias em que desenvolveram suas ações. O aumento da propaganda dirigida, ora de caráter político, ora de sentido comercial, agrava sensivelmente a distorção dos sucessos. O poder político e o poder econômico in-

fluem sem cessar na informação, convertendo a verdade em notícia difusa ou confusa, a ficção em certeza aparente, o ditador em líder.

Para que artifícios tais não subvertam a história, é indispensável que a opinião individual e coletiva seja abastecida, continuamente, de dados reais, estranhos a paixões e interesses. Se não forem esclarecidos, por exemplo, os fatos relativos às operações financeiras que envolveram, no princípio deste ano, o Banco Central, no futuro as irregularidades serão esquecidas ou transformadas em negócios lícitos. Se os grampos, agora espalhados na imprensa, não forem elucidados e definidas responsabilidades, passaremos como um povo em que autoridades se misturam com violadores da lei e da ética, sem nenhuma consequência séria. E assim se apagará a verdadeira memória coletiva.

A preservação de figuras exemplares e de acontecimentos educativos não se fará com segurança se faltar a publicação idônea, a projeção adequada, a pedagogia da verdade. As gerações, sucessivamente, vão colhendo fantasias ou inexactidões grosseiras, ou entrando no esquecimento do que deve ser lembrado, como agora em Salvador a respeito do barão do Rio Branco. As organizações culturais hão de concorrer ordenadamente para a transmissão da verdade histórica, pertinente às personalidades modelares e aos fatos marcantes da vida da comunidade. Senão, consagrar-se-á o artifício, esquecida a autenticidade.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia